RELICI

A SUPERAÇÃO COMO NOVA FICÇÃO: O DOCUMENTÁRIO E A SEDE DE REAL NA SOCIEDADE DO CONFORTO EMOCIONAL[1]

OVERCOMING AS A NEW FICTION: THE DOCUMENTARY AND THE THIRST FOR THE REAL IN THE SOCIETY OF EMOTIONAL COMFORT

Bruno Barreto[2]

RESUMO

O artigo analisa a ascensão do documentário como protagonista do audiovisual contemporâneo, destacando seu papel na sociedade atual marcada pela "fadiga do falso" e pela busca de autenticidade. Argumenta-se que a popularidade crescente dos documentários está ligada não apenas a avanços estéticos e narrativos, mas também a transformações culturais profundas. Em tempos de conforto material e desafios diluídos, o público passou a consumir jornadas de superação como substituto simbólico de experiências heroicas reais. Assim, o documentário se torna espaço de experiências emocionais que respondem a uma carência de sentido, autenticidade e transcendência. A obra de Eduardo Coutinho é central nessa discussão, ao mostrar que o documentário cria o espaço onde o real pode acontecer, e não apenas o representa.

Palavras-chave: documentário, superação; autenticidade.

ABSTRACT

This article examines the rise of documentary films as a central genre in contemporary audiovisual culture, especially in light of society's growing demand for authenticity in a world saturated with simulacra. It argues that the documentary has evolved from a didactic and marginal format into a powerful emotional and narrative tool, mirroring not only aesthetic changes but deeper cultural shifts. In a society marked by comfort and emotional sedentarism, documentaries serve as substitutes for real-life heroic experiences, offering emotional engagement through stories of resilience. Eduardo Coutinho's approach is key to understanding this shift: the documentary does not show reality, it creates a space where reality can emerge.

Keywords: documentar, resilience, authenticity.

---

[1] DOI: doi.org/10.5281/zenodo.15698506
[2] BrunoBarreto. bruno@bbarreto.com

Durante décadas, o documentário ocupou um espaço marginal no cinema. Era visto como um gênero didático, muitas vezes chato e tecnicamente amador. Enquanto a ficção dominava o imaginário popular com heróis, tramas elaboradas e efeitos visuais, o documentário parecia destinado a nichos acadêmicos ou educativos. No entanto, nas últimas duas décadas, essa percepção mudou radicalmente. Hoje, os documentários estão entre os conteúdos mais consumidos em plataformas de streaming e recebem investimentos que rivalizam com grandes produções de ficção. Eles atraem audiências diversas e influenciam debates sociais, culturais e políticos em escala global.

O que explica essa transformação? Por que um gênero antes visto como secundário se tornou central no entretenimento contemporâneo?

Este artigo busca responder a essas questões analisando não apenas a evolução estética e técnica do documentário, mas também as mudanças culturais e emocionais que moldaram o público atual. Em uma sociedade saturada de simulacros e marcada pelo desejo de transparência radical, o documentário oferece mais do que relatos factuais: ele proporciona experiências emocionais onde o real e a narrativa se entrelaçam. Além disso, em um contexto de conforto material, sedentarismo emocional e desafios cotidianos diluídos, as histórias de superação se tornaram uma nova ficção. O público, em vez de viver suas próprias jornadas heroicas, passou a consumi-las através de narrativas reais cuidadosamente construídas.

Este artigo propõe, portanto, que o sucesso do documentário não é apenas uma resposta ao que as pessoas querem assistir, mas também uma expressão do que a sociedade precisa desejar — autenticidade, esforço e transcendência. O cinema e o audiovisual, hoje, não apenas refletem os desejos do público, mas ensinam o que deve ser desejado.

BREVE HISTÓRIA DO DOCUMENTÁRIO E SUA REINVENÇÃO ESTÉTICA

O documentário, como linguagem cinematográfica, nasceu quase junto com o próprio cinema. No início do século XX, cineastas como Dziga Vertov[3] propuseram capturar a "verdade objetiva" através da câmera. No entanto, durante grande parte do século, o gênero manteve uma função mais informativa do que narrativa, sendo associado a registros históricos, reportagens extensas e materiais educativos.

A transformação começou a se consolidar nas décadas de 1960 e 1970, quando movimentos como o *cinéma vérité*[4] e o *Direct Cinema*[5] romperam com a objetividade tradicional. Cineastas como Jean Rouch e Edgar Morin (*Chronique d'un été*, 1961) defenderam a ideia de que o documentário não era apenas uma observação passiva da realidade, mas também um espaço de encontro, interpretação e até de encenação do real. Nos Estados Unidos, diretores como D. A. Pennebaker e os irmãos Albert e David Maysles aprofundaram essa abordagem, tornando-se menos narradores e mais observadores, permitindo que os próprios personagens conduzissem as histórias.

No Brasil, Eduardo Coutinho levou essa visão a um novo patamar. Para ele, *"O documentário não mostra o real. Ele cria um espaço onde o real pode acontecer."* Essa perspectiva tornou-se essencial para compreender a evolução do gênero.

---

[3] Dziga Vertov foi um cineasta e teórico soviético considerado um dos pioneiros do documentário como linguagem cinematográfica. Atuante nas primeiras décadas do século XX, defendia o uso da câmera como instrumento de revelação da "verdade objetiva", sem interferências teatrais ou ficcionais. Sua obra mais emblemática, *O Homem com a Câmera* (1929), é até hoje referência na história do cinema documental.

[4] O *cinéma vérité* (cinema da verdade) é um movimento documental surgido na França nos anos 1960, marcado pela busca de maior espontaneidade e autenticidade na representação da realidade. Inspirado pelas ideias do sociólogo Edgar Morin e pelo cineasta Jean Rouch, propõe a interação entre câmera e personagem como parte do processo narrativo, rejeitando a neutralidade do observador e assumindo que o ato de filmar interfere no real.

[5] O *Direct Cinema* é uma vertente do documentário desenvolvida nos Estados Unidos e Canadá a partir dos anos 1960, paralela ao *cinéma vérité*, mas com diferenças fundamentais. Caracteriza-se por uma abordagem observacional, que busca registrar os acontecimentos com mínima intervenção do cineasta. Utilizando câmeras portáteis e som síncrono, seus realizadores — como os irmãos Maysles, D. A. Pennebaker e Frederick Wiseman — procuravam captar a realidade tal como ela se desenrola, valorizando a espontaneidade e evitando narrações ou entrevistas direcionadas.

Coutinho entendia que toda tentativa de registrar a realidade envolve escolhas, recortes e interpretações. Seu trabalho deu destaque à subjetividade e à imprevisibilidade, características que hoje definem muitos documentários contemporâneos.

A partir dos anos 2000, o documentário passou por uma reinvenção estética. Incorporou técnicas sofisticadas de narrativa, fotografia cinematográfica, trilhas sonoras emocionais e construção de personagens com arcos dramáticos semelhantes aos da ficção. Deixou de ser apenas uma janela para fatos e tornou-se uma experiência emocional e estética comparável a grandes produções narrativas. Exemplos recentes, como *Making a Murderer*, *The Last Dance* e *Democracia em Vertigem*, demonstram essa mudança: eles não apenas informam, mas envolvem, emocionam e muitas vezes mobilizam o público.

Essa reinvenção estética, alinhada à mudança nas expectativas do público, preparou o terreno para que o documentário deixasse de ser um nicho e assumisse um papel central no audiovisual contemporâneo.

SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E A SEDE PELO REAL

A ascensão do documentário não pode ser explicada apenas por sua evolução estética. Ela está profundamente conectada às transformações culturais e emocionais que moldaram o público contemporâneo.

Vivemos numa era saturada de simulacros. Como descreveu Jean Baudrillard, a sociedade atual não apenas convive com representações da realidade, mas muitas vezes as confunde com a própria realidade. Redes sociais, publicidade e até parte do jornalismo adotaram estéticas e narrativas da ficção. O resultado é um ambiente onde tudo parece calculado, encenado e filtrado. Essa "fadiga do falso" levou o público a buscar conteúdos que prometem autenticidade — ou pelo menos uma sensação de contato com o real.

Ao mesmo tempo, Byung-Chul Han descreveu em *A Sociedade da Transparência* um fenômeno crescente: o desejo de ver tudo, saber tudo e expor tudo.

Essa transparência radical transformou o privado em público e fez do real um valor supremo. O documentário, ao oferecer histórias reais, responde diretamente a essa sede por transparência e autenticidade.

Contudo, a relação entre público e audiovisual não é apenas reativa. O cinema e as plataformas de conteúdo também moldam o que as pessoas passam a desejar. Não entregam apenas o que o público quer consumir; ensinam o que ele deve desejar. Com a intermediação de algoritmos, essa dinâmica tornou-se ainda mais complexa. As plataformas de streaming não só observam o comportamento do público, mas também preveem e influenciam suas preferências, amplificando certos desejos e narrativas — como a busca por autenticidade e superação.

Essa engenharia do desejo, realizada por sistemas invisíveis, reforça a popularidade dos documentários. Eles não são apenas reflexo de uma demanda espontânea, mas também uma resposta moldada e amplificada pelo próprio sistema audiovisual. O público quer histórias reais porque está cansado da ficção previsível — e porque aprendeu a valorizar o real como experiência emocional e moral.

A sede pelo real, portanto, não surgiu do acaso. Ela é resultado de um processo histórico, estético e cultural onde público e audiovisual se influenciam mutuamente.

A SUPERAÇÃO COMO FICÇÃO EMOCIONAL CONTEMPORÂNEA

Na história do cinema — e da narrativa humana em geral — a figura do herói sempre ocupou um lugar central. Como observou Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces*, as sociedades criam e consomem histórias onde protagonistas enfrentam desafios, superam obstáculos e, ao final, retornam transformados. Durante séculos, essa estrutura narrativa ajudou comunidades a lidar com os próprios medos, aspirar a mudanças e reforçar valores coletivos.

No entanto, no mundo contemporâneo, essa jornada tornou-se rara na vida cotidiana. Nas sociedades urbanas e tecnologicamente avançadas, muitos dos desafios físicos e sociais que exigiam superação foram eliminados ou suavizados. O

conforto material, o sedentarismo físico e emocional e a cultura da permissividade criaram ambientes onde as grandes batalhas da existência são cada vez mais simbólicas e menos concretas.

Esse vazio de desafios reais gerou uma necessidade curiosa: as pessoas começaram a buscar, no audiovisual, jornadas de superação que não vivem em suas próprias rotinas. O documentário, com seu compromisso com histórias reais, tornou-se o palco ideal para esse tipo de narrativa. Quando assistimos a um atleta superando uma lesão, uma comunidade resistindo à opressão ou uma pessoa reconstruindo a própria vida após uma tragédia, não estamos apenas sendo informados. Estamos consumindo um espetáculo emocional que preenche a ausência de superações vividas diretamente.

A superação tornou-se a nova ficção. Não porque seja inventada, mas porque foi deslocada da experiência pessoal para o consumo simbólico. Em vez de enfrentar desafios, grande parte do público moderno acompanha as vitórias e derrotas de outros. Isso cria uma ilusão reconfortante: mesmo que a vida cotidiana não exija heroísmo, ainda é possível sentir as emoções de uma jornada épica através das histórias reais dos outros.

Documentários esportivos, séries sobre reabilitação, narrativas de transformação social e até *true* crimes complexos funcionam como manuais emocionais para tempos de fragilidade. Eles oferecem exemplos de resiliência e transcendência que muitos desejam, mas poucos experimentam diretamente.

Essa tendência não revela apenas uma mudança estética no audiovisual. Ela aponta para uma transformação cultural mais profunda: em uma sociedade onde o conforto e a permissividade reduziram os desafios pessoais, as jornadas de superação passaram a ser terceirizadas ao entretenimento.

O AUDIOVISUAL COMO ESPELHO E ENGENHEIRO DE DESEJOS

A relação entre o público e o audiovisual nunca foi uma via de mão única. Desde os primeiros tempos do cinema, as histórias nas telas refletiam desejos, medos

e valores sociais. Mas, ao mesmo tempo, essas histórias também ensinavam o público a desejar certas ideias, comportamentos e ideais. Hoje, com a presença de algoritmos e sistemas de recomendação, esse ciclo tornou-se ainda mais evidente — e mais rápido.

O cinema e o audiovisual contemporâneo não apenas entregam o que as pessoas querem consumir. Eles ensinam o que deve ser desejado. Essa dinâmica é visível na popularidade das narrativas documentais centradas em superação, autenticidade e resiliência. Em um momento em que o público valoriza o real, o esforço pessoal e a vitória sobre as adversidades, o próprio audiovisual ajuda a reforçar esses valores. E, em muitos casos, ajuda também a criá-los.

As plataformas de streaming identificam rapidamente tendências de interesse e amplificam certos desejos. Se o público começa a demonstrar interesse por histórias de superação, mais conteúdo desse tipo são produzidos e promovidos. Isso não significa manipulação no sentido clássico, mas sim uma engenharia emocional e simbólica, onde as preferências do público e as estratégias das plataformas se retroalimentam.

Essa influência estética e emocional não se limita ao documentário. As produções de ficção também passaram a adotar características do cinema documental. Diretores como Paul Greengrass (*Capitão Phillips*, *Voo United 93*) e Kathryn Bigelow (*A Hora Mais Escura*) usam câmera na mão, iluminação natural e roteiros que parecem improvisados para criar uma sensação de autenticidade. Filmes premiados como *Nomadland* borram as fronteiras entre ficção e realidade, empregando atores não profissionais e histórias baseadas em experiências reais.

Esse hibridismo estético e narrativo reforça ainda mais o papel do audiovisual como espelho cultural e engenheiro de desejos. O público não busca apenas entretenimento. Busca experiências que pareçam reais e que transmitam valores emocionais considerados aspiracionais — superação, autenticidade, esforço e transcendência.

Assim, o documentário e as estéticas documentais não apenas respondem a uma demanda social. Eles participam ativamente da construção do que a sociedade contemporânea valoriza e deseja.

CONCLUSÃO

A trajetória do documentário, de gênero marginal a protagonista do audiovisual contemporâneo, não é apenas uma mudança estética ou de mercado. Ela reflete transformações profundas na cultura e na psicologia social do nosso tempo. Saturado de simulacros e desconfiado das ficções polidas, o público passou a buscar no documentário uma promessa de autenticidade e uma reconexão emocional com o real.

Essa busca, porém, vai além da simples curiosidade factual. Em uma sociedade onde o conforto, o sedentarismo emocional e a permissividade reduziram os desafios reais, as jornadas de superação tornaram-se necessidades simbólicas. O público não apenas quer ver o real — ele quer sentir as emoções de enfrentar e vencer obstáculos, ainda que por meio das histórias dos outros.

O sucesso do documentário e das estéticas documentais mostra que o cinema e o audiovisual não são apenas espelhos passivos do desejo social. Eles também ensinam o que deve ser desejado. As narrativas de superação e autenticidade não surgiram do acaso. Elas foram moldadas, amplificadas e refinadas até se tornarem a nova ficção emocional da sociedade contemporânea.

Para Eduardo Coutinho[6], o documentário não se limita a retratar a realidade, mas constrói um ambiente onde o real pode emergir. Atualmente, esse ambiente ultrapassa os limites da arte e se torna um território simbólico no qual o espectador,

[6] Eduardo Coutinho (1933–2014) foi um dos maiores cineastas brasileiros, reconhecido por sua abordagem única no documentário, na qual o real emerge do encontro entre câmera e personagem. Seus filmes revelam uma escuta generosa e a crença no poder da palavra. Entre suas obras mais célebres estão *Cabra Marcado para Morrer* (1984), *Edifício Master* (2002), *Peões* (2004) e *Jogo de Cena* (2007). Coutinho revolucionou o gênero ao mostrar que o documentário não representa a realidade, mas constrói um espaço para que ela se manifeste.

por meio das histórias alheias, acessa vivências emocionais e éticas ausentes de sua própria experiência cotidiana.

Na ausência de heróis na vida real, buscamos heróis na tela. E, ao fazer isso, redescobrimos no documentário não apenas a verdade, mas também o sentido.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 2007.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

ROCH, Jean; MORIN, Edgar. *Chronique d'un été*. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

VERTOV, Dziga. *O homem com a câmera*. União Soviética, 1929.

FILMOGRAFIA

A Hora Mais Escura. Direção: Kathryn Bigelow. EUA, 2012.

Cabra Marcado para Morrer. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil, 1984.

Capitão Phillips. Direção: Paul Greengrass. EUA, 2013.

Chronique d'un été. Direção: Jean Rouch & Edgar Morin. França, 1961.

Democracia em Vertigem. Direção: Petra Costa. Brasil, 2019.

Making a Murderer. Direção: Moira Demos & Laura Ricciardi. EUA, 2015.

Nomadland. Direção: Chloé Zhao. EUA, 2020.

O Homem com a Câmera. Direção: Dziga Vertov. URSS, 1929.

The Last Dance. Direção: Jason Hehir. EUA, 2020.

Voo United 93. Direção: Paul Greengrass. EUA, 2006.